

Redes de pesquisas de fazeressesaberes cotidianos: tecendo a partir de alguns fios de memórias de professora

Martha Cupolillo



Os estudos com os cotidianos nos colocam sempre em movimentos permanentes de buscas por saberes e de dúvidas. A cada discussão realizada nos nossos encontros de pesquisas, nas leituras de textos escritos por companheiras(os) do grupo (1) e no "mergulho" por diferentes autores(as) com os quais trabalhamos a cada semestre, somos constantemente provocados por reflexões que vão redesenhando nossos percursos de *"alunosprofessorespesquisadores"*.

No momento em que selecionei essa imagem fiz a opção de questionar quanto o meu processo de formação inicial como professora de Educação Física foi marcado por uma forma de compreensão de uma sociedade universal na qual existia uma única possibilidade de realidade sempre pautada por princípios e valores de uma cultura predominantemente hegemônica.

Acredito que esse pensamento pautado no paradigma da ciência moderna foi fundamentalmente importante porque com base nessa visão de mundo fui trabalhar na escola. Dessa maneira, cheia de verdades absolutas, certezas acerca do que fazer e de como fazer fui levando os

primeiros de muitos tropeços que tanto me causavam constrangimentos quanto também me inquietavam. Foram essas inquietações que me motivaram a pensar em outros caminhos possíveis.

Sei que a pretensão de 'dar conta' de muitas coisas vem também de um distanciamento causado, em parte, pelas metodologias que oriundas do pensamento moderno separam sujeito de objeto, razão de emoção e teoria da prática. No entanto, como muito ouvi dizer, foi justamente essa "prática", ou seja, o que hoje chamaria de minhas vivências que me mostraram as insuficiências e os limites dessas concepções fragmentadas e lineares.

Independentemente das minhas vontades e a despeito dos meus objetivos traçados, os "*espaçostemposujeitos*" que tecem os cotidianos escolares escapavam da minha "teoria" apreendida, voavam em torno da minha "prática" bem planejada, desestabilizavam as minhas "verdades" e iam derrubando aula após aula a minha visão tão ordenada, fragmentada e irreal do que achava ser a 'realidade social'.

A cada dia sobravam bolas na quadra e faltavam alunos(as), quando ia chamá-los(las) sumiam as bolas... Quando achava que tinha colocado todos(as) sentados(as) e num suspiro aliviado pegava o apito para começar a atividade, tocava uma sirene me avisando que o tempo fluiu a despeito das minhas vontades. Então, aquela cena que me fazia crer novamente que poderia ser 'dona da situação' se desfazia em segundos, sem sequer me consultar levantavam e corriam em todas as direções, gritavam, esbarravam uns nos outros e iam embora sorridentes e felizes como se tudo estivesse bem, me deixando parada e desesperada no meio do pátio com uma sensação enorme de fracasso por mais uma aula tão planejada e não executada.

Com essas memórias recupero Simmel (2006), para dizer que a apreensão e controle do real se mostra impossível porque o real não está pronto não é estático e a realidade é só um ponto de vista. Essa sociedade a qual nos referimos, não é abstrata, portanto não existe deslocada de

sujeitos que a movimentam constantemente, bem como, esses sujeitos do mundo não se constituem num vazio social.

Posto isso, recorro a Morin (1998) que com o paradigma da complexidade vai me mostrando que a realidade de que falamos é apenas um recorte, que não podemos falar de caminhos únicos nem de verdades absolutas, pois o social é *complexus*, é aquilo que tecido junto não significa completudes e sim multiplicidades. Nesses contextos cotidianos onde ordem e desordem caminham juntas vamos sentindo porque vamos vivendo que é do caos que pode nascer uma nova ordem, sempre provisória e efêmera.

Compreendo, então, as redes e os processos de tessituras que nos fala Alves (2001), constituídos por diferentes '*fiossujeitos*', vão criando e recriando relações com outros '*fiossujeitos*' e assim, sem fim, vão tecendo tramas onde, para além das visões hegemônicas, outros sentidos brotam e imprevisivelmente vão subvertendo o instituído. São as redes da vida cotidiana, tramas de poder, dominações, resistências e usos.

São nessas e com essas redes de relações dinâmicas que vamos ampliando as nossas formas de compreensão do mundo e abrindo outras possibilidades, como nos fala Alves (2008)(2), de mergulhar com todos os sentidos em contextos cotidianos sabendo que neles todos sentem o cheiro do perfume do jasmim, mas cada um do seu jeito, nas suas redes.

(1) O grupo de que falo e faço parte é o Grupo de Pesquisa "As redes de conhecimentos em comunicação e educação: questão de cidadania", do Laboratório de Educação e Imagem (PROPED/UERJ), coordenado pela Professora Dr^a Nilda Alves.

(2) Essa é apenas uma das muitas falas que guardo da nossa coordenadora no Grupo de pesquisa nas nossas reuniões semanais na UERJ.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de ALVES, Nilda (Orgs.) Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

sobre o(a) autor(a):

Professora de Educação Física da UFF e Doutoranda no PROPED/UERJ.